

**UM AVÔ NA ACADEMIA
UM ACONTECIMENTO E UM PESQUISADOR REFLEXIVO
SOBRE SUAS ESCOLHAS AUTOETNOGRÁFICAS**

ISSN 2316-6479

Wolney Fernandes de Oliveira
PPGAV/FAV/UFG

Resumo

A apresentação da minha pesquisa de doutorado em congressos e mesas redondas, cujo tema é meu avô, tem suscitado dúvidas, desconfianças e aproximações variadas. Essas questões se voltam para mim como possibilidade reflexiva sobre a construção de conceitos e escolhas de temas acadêmicos. A recorrência dessas perguntas me levou a escrever este texto à procura de possíveis respostas a algumas dessas questões, segundo a ideia de conceito como acontecimento levantada por Deleuze e Guattari e das diferenças e semelhanças entre uma escrita autobiográfica e autoetnográfica.

Palavras-chave: autoetnografia, conceitos, pesquisa reflexiva.

Abstract

The presentation of my PhD research at conferences and roundtables, whose theme is my grandfather, have raised doubts, suspicions and varied approaches. These questions turn to me as reflective chance on building concepts and choices of academic subjects. The recurrence of these questions led me to write this text for possible answers to some of these issues, according to the idea of concept as an event raised by Deleuze and Guattari and the differences and similarities between autobiographical and autoethnographical writing.

Keywords: autoethnography, concept, reflexive research.

Fala, que eu te escuto!

A apresentação da minha pesquisa de doutorado, seja em mesas redondas da academia ou de um bar, tem suscitado dúvidas, desconfianças e aproximações variadas – por vezes, até equivocadas – em função do seu tema de caráter autoetnográfico. Após a revelação de que minha tese se desenha como um exercício de cartografar os afetos vinculados às imagens e narrativas em torno da figura do meu próprio avô, sou interpelado por perguntas de toda ordem: Por que pesquisar seu avô? Então sua pesquisa é autobiográfica? Como tem sido fazer a representação desse avô? Qual é o seu foco? Como aplicar isso no campo da arte-educação?

Tenho procurado entender estas questões como catalisadoras e constituintes de uma rede de conceitos e estratégias que me ajudam na produção de conhecimento sobre o tema. Afinal, as perguntas abrem possibilidades para uma atitude autorreflexiva sobre as condições subjetivas da produção de conhecimento, propondo uma conscientização sobre as dificuldades do pesquisador às voltas com a complexidade de um campo em movimento no qual transitam e dialogam as mais diversas vozes.

Este texto é uma tentativa de apurar os sons que reorientam meu caminhar e de afinar minha própria voz na intenção de fazer ressoar posicionamentos possíveis frente àquelas perguntas que mais tem abalado minhas certezas.

Embora, os agenciamentos referentes a construção de cartografias afetivas possam se expandir para outros campos, a proposta narrativa desse texto é estabelecer um diálogo permanente entre a minha trajetória como pesquisador e as questões de interesse para a produção de conhecimento nos campos da arte e da cultura visual. Buscando respostas mais contundentes para as perguntas que me atravessam, meu desejo é utilizar minha própria trajetória para entender como minha pesquisa também se constitui socialmente.

Afinal, pesquisar é encontrar potências carregadas de desafios que nos incomodam, mas que também podem nos re-orientar num plano fluido de trocas de experiências. Pela idéia-noção de Spinoza é preciso fazer os encontros que convém a nós, “Uma idéia-noção é forçosamente adequada porque é um conhecimento pelas causas” (DELEUZE, 2002). Pesquisar é contar com a imprevisibilidade do mundo, é caminhar por um labirinto sem garantias de saídas, se não aquelas abertas por nós mesmos.

Divago, não nego! Foco quando puder!

Escrever uma tese não é tarefa fácil. Parte dessa dificuldade reside na tentativa de brincar com as explicações sistemáticas já existentes, considerando os conceitos não como fins, mas como meios abertos ao diálogo com referências de toda ordem, advindas da literatura, da geografia, da música, do que se ouve pelas esquinas ou em congressos por aí. Uma espécie de sistema criativo e embalado pelas circunstâncias. Nas palavras de Deleuze,

fazer filosofia [tese] é tentar inventar ou criar conceitos. Ocorre que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Por muito tempo eles foram usados para determinar o que uma coisa é (essência). Nós, ao contrário, nos interessamos pelas circunstâncias de uma coisa: em

que casos, onde e quando, como, etc.? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência. (2000, p. 37, risco meu).

O pensamento de Deleuze e Guattari propõe uma filosofia produtora e não somente reflexiva e interpretativa. Ao vislumbrar procedimentos fragmentados, esse pensamento vislumbra uma certa relativização dos cânones universais para que se tornem imanentes, de modo que se relacionem com a permanência do ser no mundo. A grosso modo, para Deleuze e Guattari, os conceitos passariam a responder a circunstâncias, tirando-os da sua condição de essência das coisas, de universais.

A reconstrução incansável do meu pensamento em face das circunstâncias que atravessam a escrita da tese é um espaço para rever saberes já sistematizados e, com sorte, também deflagrar novas posturas que se estendam para além das teorias. Nesse processo, fazer perguntas é uma constante e até certo ponto, mais fácil do que respondê-las, pois as respostas estão alinhavadas a êxitos e fracassos, desânimos, etc. Buscar respostas plurais, provisórias e atentas aos processos de subjetivação não é tarefa tranquila em meio às dicotomias dos conhecimentos arrumados segundo o modelo hierárquico e verticalizado presente nos espaços acadêmicos.

Na guerra – ou no diálogo – das linguagens e dos saberes, o limiar é o (não) lugar que propicia as idas e vindas, o trânsito através dos textos, das culturas, das territorialidades linguísticas e geográficas. Desloca-se aqui e lógica da qual o pensamento clássico operou as dicotomias, as exclusões, as hierarquias. (HOISEL, In COUTINHO, 2001, p. 75)

Esta mudança no modo de operação alteraria a compreensão e a relação dos saberes institucionalizados com outras competências advindas dos espaços de intersubjetividades, colocando-os em papel proeminente para a significação do mundo numa relação que se daria entre iguais. Um diálogo de saberes, cuja preocupação seria a constante revisão das estratégias adotadas para a produção de conhecimento sobre determinado tema... sobre qualquer tema.

Os debates estabelecidos pelos estudos culturais tem colocado os procedimentos de subjetivação e construção das identidades culturais no centro, evidenciando a percepção de que a identidade no atual contexto contemporâneo constitui-se permanentemente em contato com a cultura circulante. No panorama multifacetado desse período atual, denominado de “pós-modernidade” ou até mesmo de “modernidade tardia”, as identidades perderam o caráter estável. Segundo Hall (2005), a identidade cultural pós-moderna se move e se transforma em relação às representações dos sistemas culturais circundantes. Essa concepção tem me estimulado a investigar estratégias pedagógicas a partir

destes olhares sobre minha própria trajetória e a descobrir novos espaços de divagação e interlocução multifocal.

Meu avô e eu na academia

Colocar meu avô materno como fonte geradora de reflexões ainda suscita especulações sobre a “validade” e a “aplicabilidade” de um tema tão próximo a mim e de como vou conseguir tecer relações válidas para dar corpo a uma tese. Via de mão dupla, essas especulações, vez por outra me confrontam e, mesmo sob a tutela de um programa de pós-graduação que tem validado meu interesse pelo tema, ainda me vejo repetindo - quase como um mantra - que minha subjetividade é também construída na interatividade. O ponto de partida é minha experiência pessoal e, exatamente por encontrar espaço para se transmutar em elaborações variadas, ela também se abre no reconhecimento das experiências do outro, tão significativas e prenhas de possibilidades interpretativas quanto a minha.

Este comportamento tenta renovar os significados que abarcam a multiplicidade de fenômenos que emergem das relações sujeito-objeto que, do ponto de vista epistemológico, atualmente estão tão imbricados que mal percebemos sua distinção.

Um modo perspectivista de compreender processos de construção de conhecimento no qual sujeito e produtor de conhecimento está integrado ao objeto que ele próprio constrói, e que pressupõe a assunção de um construtivismo epistemológico fundado sobre uma visão não dicotômica da relação entre sujeito e objeto. (VERSIANI. 2005, p. 194)

A inclusão dos repertórios pessoais criam tramas intrincadas entre posicionamentos próprios e alheios, individuais e plurais, verticais e horizontais. Realçam narrativas que, pela complexidade das experiências vividas, parecem não caber em discursos orais ou escritos, uma vez que “todas as memórias, as reflexões, as narrativas, as entrevistas se constituem, em si mesmas, ‘transformações’ desta experiência” (VAN MANEN, 2003, p. 72).

“Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei de criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. (LISPECTOR. 1998, p. 15)

As marcas do vivido, aí, conjugam-se a problemáticas culturais, imprimem sensações e conceitos e propõem caminhos diferenciados para a constituição das subjetividades, na atualidade.

Marque a alternativa correta: Minha pesquisa é:

- Autobiografia**
- Autoetnografia**
- Todas as alternativas estão corretas**

Certo do caráter autoetnográfico de minha pesquisa, sempre reconheci as limitações e as dificuldades que permeiam o processo de sistematização de uma experiência pessoal no formato de um exercício que revisita a memória, os afetos e se lança numa reflexão sobre minha própria atuação como artista, pesquisador e educador nos meios em que estou inserido.

Essa escolha foi pautada pela experiência de pesquisa no período do mestrado e, à partir dela, fui cercado por algumas certezas, até que um interlocutor de uma dessas mesas redondas me questionou sobre o caráter autobiográfico do meu trabalho. Até aquele momento, o termo autobiografia não havia atravessado minhas leituras e, muito menos, minhas inquietações. No entanto, aquela pergunta me incomodou consideravelmente, uma vez que eu, certo da clareza de minha escolha metodológica, não a considerava passível ou sujeita a dúvidas. Passado o primeiro momento de indignação, comecei a me perguntar: Há diferenças entre uma pesquisa autobiográfica e uma autoetnográfica? Se sim, quais? É preciso optar por apenas uma delas? O que há de autobiográfico na minha pesquisa de cunho autoetnográfico?

Entendo que, ainda que haja alguma semelhança, correlação ou proximidade quanto à aplicabilidade dos conceitos autoetnografia e autobiografia nas distintas ramificações das ciências sociais, tradicionalmente, a autobiografia é tomada como um projeto de elaboração consciente de um sujeito sobre a sua própria existência. O discurso autobiográfico é construído, mesmo que de modo incompleto, pelo desejo de lembrar em consonância com as especificidades de quem está narrando. Por meio de uma escrita sobre si, sobre experiências vividas, a autobiografia - mesmo respondendo a diferentes propósitos - expressa um desejo de escrever a vida, de criar linhas de sentido para existências móveis e fragmentadas (MIRAUX, 2005).

Já o termo autoetnografia vem sendo utilizado há aproximadamente quatro décadas, mas escamoteado pelos estudiosos das ciências sociais de forma direta ou indireta como narrativas pessoais, narrativas do eu, narrativas da experiência pessoal, etnografia pessoal entre outros.

A autoetnografia representa um gênero dos estudos etnográficos que aprofunda a pesquisa nas múltiplas lacunas da consciência do indivíduo relacionando-o com o meio em que está inserido através da experiência pessoal. Há um esforço para identificar, na história pessoal e individual, marcas de ordem cultural e sociológica que servem como referenciais para instaurar reflexões sobre determinadas construções

de sentidos, num processo de interlocução dessas experiências. Ou seja, pensar sobre tópicos subjetivos e, à partir deles, gerar proposições objetivas.

Apesar de haver certa discordância entre autores sobre quais os limites de cada categoria e definições precisas de cada um desses discursos, não há como negar sua base focal: a reflexão do pesquisador como objeto de estudo.

Para Versiani (2005), a não adoção da postura objetiva de *outsider*, tão comum quando nos referimos às etnografias tradicionais, seria o traço principal do pesquisador autoetnográfico. Tanto em biografias quanto em etnografias, o que importa é a inclusão da própria experiência como característica a diferenciar autoetnografias das etnografias, histórias de vida ou autobiografias.

Desponta aqui, para além dos embates entre os discursos autobiográficos ou autoetnográficos a figura de um pesquisador autorreflexivo que enxerga o valor das condições subjetivas do conhecimento, não como relativismo cultural, mas como abertura para novos questionamentos éticos no próprio fazer científico conforme VERSIANI conclui

O que se propõe então é um novo papel para o próprio pesquisador, que deveria colocar de lado sua lanterna e ir à caça de seu próprio farnel de memórias, produzindo conhecimentos a partir de uma prática intensamente autorreflexiva, que reconheça e explicita a localização sócio-teórica e cultural do seu discurso e abandone o suposto ponto arquimédico que um dia lhe foi atribuído. A isso eu chamaria de um “método autoetnográfico” (2005, p. 245).

Viver, narrar e compreender estão simultaneamente presentes nesse processo. O desejo de colocar a vida por escrito emerge conjuntamente com as possíveis conexões dessa capacidade de formulação de conceitos pessoais que, numa dupla via, conectam-se e invadem as minhas memórias individuais ao mesmo tempo em que se firmam na estabilidade de uma experiência coletiva.

No meu entender, a importância de não me fixar em apenas um dos possíveis sentidos, só autobiográfico ou só autoetnográfico, mas transitar entre eles, acrescentam perspectivas de mobilidade e contextualidade quanto à minha posição em relação ao processo de construção da pesquisa. Ora, à mercê de diferentes propostas e perspectivas; ora à serviço da crescente necessidade de contextualização de indagações específicas deflagradas pelos acontecimentos. Uma espécie de alusão a flexibilidade conceitual defendida por Deleuze.

Um avô e uma multiplicidade de realidades

“Então você pretende fazer a representação do seu avô?” – perguntou-me um interlocutor acadêmico. Apesar do meu interesse residir no mapeamento

afetivo em torno da figura de um avô que nem cheguei a conhecer, minha pesquisa não busca uma resposta “verdadeira”, muito menos uma dada “realidade”, mas antes, destacar diferentes interpretações dessa realidade construindo uma memória experiencial e relacional (BOURRIAUD, 2009). Apesar da singularidade da experiência ela também produz diferenças, heterogeneidades e pluralidades numa dimensão de incerteza, numa abertura rumo ao desconhecido.

O pensamento de Deleuze também está vinculado à idéia de uma filosofia da diferença que se contrapõe ao pensamento da representação. Ou seja, aceitar os pensamentos múltiplos e a subjetividade de cada discurso contribui para a construção da diferença como tal, sem submetê-la a nenhuma forma de representação que a reconduza ao “mesmo”. “O mimetismo é um conceito muito ruim, dependente de uma lógica binária, para fenômenos de natureza totalmente diferente” (DELEUZE. 2007, p. 20).

Para Deleuze não há matéria fixa e imutável. A dialética matéria-forma é substituída pela conexão dinâmica do suporte numa busca incessante por singularidades.

Esse pensamento se conecta com a preocupação em legitimar o discurso autoetnográfico que precisa necessariamente se fundamentar no reconhecimento mútuo – entre diferentes – da autoridade de sujeitos sobre seus discursos. Trocando em miúdos, a construção de objetos complexos e singulares depende de pressupostos complexos e singulares assumidos pelos sujeitos que os constroem, e não do objeto em si.

A “representação” de uma realidade não é mais “verdadeira” apenas por supô-la mais polifônica ou multifacetada. A manutenção da perspectiva do texto como representação destrói, no meu entender, o potencial transformador do texto, uma vez que representar, ou melhor, re-apresentar pressupõe a permanência e a imobilidade diacrônica dos conteúdos relacionados ao texto, um pressuposto que desconsidera as variadas e variantes operações construtivas de seus eventuais leitores. (VERSIANI. 2005, p. 114).

A complexidade do olhar deve ser componente dessa preocupação, uma vez que, junto ao diálogo com as várias perspectivas metodológicas e o hibridismo contido nas discussões trazidas pela cultura visual realçam as brechas por onde é possível vislumbrar a efetivação utópica(?) de uma postura acadêmica mais fluida, menos dogmática.

Sob o prisma da cultura visual, essa noção de diferença passa a revelar substratos mais complexos e variáveis uma vez que as pesquisas não vêm desprovidas de um contexto. As referências culturais trazidas pelas imagens, que por sua vez também estão associadas a outras imagens, tecem variados

significados e suscitam uma multiplicidade de realidades. Construídas a partir de um repertório cultural tecido no passado, as imagens fixam e difundem modos de compreensão do mundo no presente.

Estas idéias me ajudam a entender aspectos da relação entre imagem e prática social. Ou seja, o que está em jogo nesta relação não são as diferenças pelas diferenças, mas as experiências que elas possibilitam.

O desenvolvimento de significações advindas da vida ordiária descortina, aos poucos, significados variados e convida-me a incluir os meus próprios sentidos nesta ciranda. Esta variação, dentro do espaço interpretativo, afeta tanto o meu processo de produção como o de recepção. Passo então, a relativizar minha prática como pesquisador e a redimensionar a rigidez dos direcionamentos e soluções para um movimento mais fluido, onde é possível questionar metodologias, dialogar com outras áreas de conhecimento e incorporar minha experiência e meu repertório cultural nesses processos.

Conceitos como acontecimentos

Mesmo as coisas já vistas merecem um novo olhar. Na dinâmica descrita por Deleuze não se estrai constantes a partir de variáveis, mas convém colocar as próprias variáveis em estado de variação contínua (DELEUZE, 1997).

Para Deleuze e Guattari, conceitos são acontecimentos. Assim sendo, não devem ser abandonados em seu momento temporal, mas que esse seja ressignificado a cada momento dentro de um plano imanente qualquer. É preciso que se entenda conceitos como dialética, como ideia descontinuada ligada a um momento de criação, de ressignificação. Tudo impulsionado pela necessidade de cada momento histórico, de cada pensamento nômade.

As incertezas epistemológicas tão presentes no pensamento contemporâneo refletem-se nos processos artísticos e educativos e, em meio aos abalos, é possível vislumbrar outros jeitos de fazer.

Quando coloco minha atenção e me volto para as questões levantadas à partir do meu percurso como pesquisador, minha tentativa é deixar a racionalidade aberta, em círculo para que ela se reinvente, se renove, retorne e recomece. E se passo a buscar singularidades, então meus papéis como artista/pesquisador/educador também se alteram numa mútua confluência. Segundo Dewey, "(...) toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive" (2010, p. 122).

Ao produzir conhecimento e cultivar a insatisfação e o desejo pela dúvida, estou sempre à mercê de novos descobrimentos. Por menores que se apresentem, essas intensidades (DELEUZE, 2000) ventilam ações colaborativas e reflexivas que podem operar em função de atender às necessidades sociais trançadas em torno dos processos de criação artística e do ensinar e do aprender. Estar aberto à complexidade da realidade estudada, vai produzindo conhecimento que permite me constituir junto com o outro.

A partir dessa reflexão e considerando a construção de uma epistemologia própria, compreendo minha pesquisa como somatória e acúmulo de minhas múltiplas pertencas e experiências passadas. Ela começa autobiográfica em decorrência de uma trajetória singular marcada por identificações com histórias narradas e costuradas pela memória, mas se desenvolve pelo viés autoetnográfico ao colocar o conhecimento denominado “senso comum” em pé de igualdade com o conhecimento formal localizado nos espaços acadêmicos.

A figura do meu avô, à priori tão distante dos campos assépticos da academia, hoje se apresenta como potência para instaurar não a descoberta de uma dada realidade, mas destacar diferentes interpretações dessa realidade. Uma espécie de pluralização de saberes e fazeres que viabiliza a circulação de outros discursos, por tanto tempo abafados, mas tão singulares e complexos quanto esses trocados em mesas redondas e de bar.

Referências Bibliográficas

ARFUCH, Leonor. “Cronotopías de la intimidad”. In. *Pensar este tiempo – espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins, 2009.

BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos Nómades*. Barcelona: Paidós, 2000.

CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura do século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COUTINHO, E. (Org). *Fronteiras Imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol. 2*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002.

_____. *Mil Platôs, V. 5*. São Paulo-SP: Editora 34, 1997.

DELEUZE. G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. Francis Bacon. *Lógica da Sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. P. Autoethography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject. In DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publication, 2000.

GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GUATARRI, Félix e ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental – Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MIRAUX, Jean-Philippe. *La autobiografía: las escrituras del yo*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión. 2005.

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PEREIRA, Juliana dos Santos. 1979. *As meninas do Pequi for a do sertão: goianas imigrantes em Lisboa, 1979*. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social e Cultural, 2009. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

VAN MANEN, Max. La reflexión fenomenológica hermenéutica. In: *Investigación educativa y experiencia vivida. Ciencia humana para una pedagogía de la acción y la sensibilidad*. Barcelona: Idea Books, 2003.

VERSIANI, Daniela B. *Autoetnografias – conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7letras, 2005.

Minicurrículo

Wolney Fernandes de Oliveira é mestre em cultura visual e aluno do doutorado em arte e cultura visual pela Universidade Federal de Goiás. Entre um certo grau de incerteza e outro de puro

contentamento, transita pelos trilhos da arte guiado por imagens desenhadas pelos afetos. Com a cabeça aluada e as mãos cheias de histórias, vaga em busca de experiências artísticas que ajudem a desacomodar sentidos e a inventar espaços para seus desejos de alegria. Um sujeito em fluxo, tateando preâmbulos de uma trajetória guiada pelos encontros. Por eles, segue rabiscando paisagens plurais, forças singulares e suspiros singelos.

ISSN 2316-6479